

Regulamentação x Desregulamentação

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Assistimos nessa crise financeira o que o Gabriel Garcia Marques chamaria de “*Crônica de uma morte anunciada*”. Trata-se do enredo de um termo, de um fim, que todos sabem que irá se dar e que pode ser evitado, mas que ninguém consegue evitar.

A máxima neoliberal “*o mercado se auto-regula*” tornou-se um dos maiores engodos desse epílogo da era moderna. O embuste era óbvio ao mesmo tempo em que não. O que dentro da cultura humana se auto-regula? Nada, absolutamente nada. Mas a necessidade onipotente, onisciente e onipresente dos pobres homenzinhos gera esses monstros.

Desde a época do Éden, se utilizando do mito bíblico, que se sabe que até mesmo no paraíso existe regulamentação, negado é claro para os frequentadores dos paraísos fiscais. Não dá para comer de todos os frutos. Chega a ser cômico. Os arautos da economia informal, os economistas da moda, os comentaristas econômicos de plantão, se desdizendo. Admitindo e pedindo ajuda ao então estado jurássico, paquidérmico, atrasado, para dar sustento ao jogo informal dos papeluchos. E vamos especular!

No outro lado já aparecem excitados os fanáticos regulamentadores. Já passam a ferro suas fardas ortodoxas no frenesi de intervir.

Regular e desregular, ações recíprocas e inerentes ao relógio da vida. Sem a dimensão de ambas nada se dá de forma natural. Uma sociedade que busca viver desregulamentada, mesmo no que diz respeito a sua mercancia, aspira ao auto-extermínio. E é o que se assiste nesses tempos de barbárie moderninha..

Que dizer da regulamentação e desregulamentação dentro do quadro das inter-relações humanas. Como imaginar uma casa, um bairro, uma cidade, uma escola, uma faculdade, uma empresa, um comércio, ou seja, uma instituição qualquer operando desregulamentada. Não precisamos imaginar. Basta constatar o que se vê. Filhos da alta sociedade matam pais em seus leitos a bastonadas, alunos agredem professores, colégio e faculdade viram mercados de alunos, crianças e jovens traficam drogas, cheiram cola, fumam crack, bancos viram centros de agiotagem legal, o consumo desembesta, o lixo sai pelo ladrão, os ladrões perambulam soltos, assassinos assumem presidências e invadem

países por motivos torpes, tortura se oficializa, terrorismo vira moda. Temos aí uma sociedade desregulamentada.

Já se aspira à volta de um estado-nação reformado qualitativamente que possa regulamentar a vida econômica e social, disciplinar agentes econômicos poderosos, que controle a corrupção, defenda a autodeterminação da nação e sua soberania, promova os bens públicos em defesa de uma soberania, fomente os valores de progresso e de reforço da cultura, distribua de modo equilibrado os ingressos de modo a melhorar a oferta de serviços sociais e eliminar a pobreza. É querer muito?

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).